

Soteriologia Bíblica: A Unidade da Salvação pela Graça no Antigo e Novo Testamento (Ef. 2:8; Hb. 4:2)

Autor: Diego Vieira Dias | Grupo: Teologia e Pregações | Data: 14/12/2025 09:41

Definições Fundamentais de Salvação e a Identidade Filial

A compreensão da doutrina da salvação exige, primeiramente, uma análise etimológica e teológica profunda. Para definirmos o que é ser salvo, recorreremos ao termo grego original **soteria**. Curiosamente, esta raiz etimológica é a mesma encontrada no gentílico de quem nasce na cidade de Salvador (soteropolitano), derivado de *soteros*, que significa salvador.

Ao analisar a soteriologia (o estudo da salvação), podemos destacar três pilares fundamentais que compõem este conceito, muitas vezes baseados na teologia clássica de autores como William Barclay:

- Livramento:** A salvação é o ato de libertar o ser humano do império da morte, do domínio do pecado e da influência de Satanás. É, em essência, um resgate de um perigo iminente.
- Expição:** Não se trata apenas de uma libertação física ou emocional, mas jurídica e espiritual. A salvação envolve o pagamento de uma dívida. A dívida do pecado foi extirpada e paga através do sacrifício vicário (substitutivo) no Calvário.
- Convicção:** O resultado desse processo gera uma segurança inabalável. O indivíduo salvo possui a convicção de que sua vida está guardada em Deus, o que altera fundamentalmente a sua identidade e filiação.

Os Quatro Tipos de Filiação nas Escrituras

Uma das consequências diretas da compreensão correta da salvação é a mudança de *status* do indivíduo diante de Deus. Ao analisarmos tanto o texto vétero quanto o neotestamentário, percebemos que a Bíblia não classifica todos os seres humanos automaticamente como filhos de Deus no sentido soteriológico. Existem, na verdade, quatro categorias distintas de filiação descritas nas Escrituras:

1. Filhos do Diabo Esta é uma classificação dura, proferida pelo próprio Jesus em um contexto de debate com líderes religiosos da sua época.

"Vós tendes por pai ao diabo, e quereis satisfazer os desejos de vosso pai. Ele foi homicida desde o princípio, e não se firmou na verdade, porque não há verdade nele." (João 8:44)

Neste contexto, Jesus dirigia-se a uma casta teológica (fariseus e saduceus) que mantinha uma rotina de orações e conhecimento profundo da Torá (os cinco primeiros livros da Bíblia), muitas vezes memorizada desde a infância. No entanto, a religiosidade externa havia se tornado uma armadilha, transformando-os em antagonistas do próprio Messias.

2. Filhos da Desobediência O apóstolo Paulo, ao escrever aos Efésios, descreve o estado natural da humanidade antes da intervenção da graça. A "desobediência" aqui refere-se especificamente à quebra de aliança.

"Ele vos deu vida, estando vós mortos nos vossos delitos e pecados, nos quais andastes outrora, segundo o curso deste mundo, segundo o príncipe da potestade do ar, do espírito que agora atua nos filhos da desobediência." (Efésios 2:1-2)

3. Filhos da Ira Na sequência do mesmo texto paulino, encontramos a terceira categoria, que descreve o destino judicial daqueles que vivem segundo as inclinações da carne.

"Entre os quais também todos nós andávamos outrora, segundo as inclinações da nossa carne, fazendo a vontade da carne e dos pensamentos; e éramos, por natureza, filhos da ira, como os demais homens." (Efésios 2:3)

4. Filhos de Deus A salvação opera a transição dessas filiações anteriores para a filiação divina. Tornar-se "filho de Deus" (do grego *huios* e do hebraico *ben*) é o ápice da obra redentora. Esta nova identidade oferece a segurança de que o crente não está mais sujeito à ira ou à paternidade espiritual maligna, mas descansa na obra consumada de Deus, que nos livra não apenas do mal externo, mas de nossa própria natureza caída.

A Graça no Antigo Testamento: Lei Moral e Lei Positivada

Uma das dúvidas mais comuns no estudo teológico reside na aparente dicotomia entre a Antiga e a Nova Aliança. Frequentemente, cultiva-se a ideia equivocada de que os santos do Antigo Testamento eram salvos pelo mérito do cumprimento da Lei (obras), enquanto a Igreja é salva pela Graça. Contudo, uma análise bíblica criteriosa revela que Deus possui apenas um método de salvação: a graça mediante a fé.

A Lei Moral e a Consciência Humana

Antes mesmo da codificação da Lei no Monte Sinai, a humanidade já operava sob o que C.S. Lewis, em sua obra *Cristianismo Puro e Simples*, define como "Lei Natural" ou "Lei Moral". Esta moral objetiva está impregnada na consciência humana. A fé, portanto, é anterior às obras da lei escrita.

Podemos observar isso claramente na vida dos patriarcas, que, mesmo sem possuírem as tábuas da Lei, viviam sob a graça e a justiça divina:

- **Noé:** A Bíblia relata que "Noé achou graça diante do Senhor" (Gênesis 6:8). O termo hebraico para graça aqui é *chen*. Noé não foi salvo porque era justo por esforço próprio; ele foi justificado pela graça e, conseqüentemente, tornou-se um homem "justo e íntegro" (*tsaddik*), refletindo essa graça em suas ações.
- **Abraão:** Talvez o exemplo mais contundente esteja em Gênesis 26:5, onde Deus afirma a Isaque:

"Porque Abraão obedeceu à minha palavra e guardou os meus mandamentos, os meus preceitos, os meus estatutos e as minhas leis." (Gênesis 26:5)

Como Abraão poderia obedecer a estatutos e leis séculos antes de Moisés receber o Decálogo? A resposta reside no fato de que a Lei de Deus já estava gravada no coração de Abraão. Ele não precisava de tábuas de pedra para obedecer, pois sua obediência brotava de um relacionamento de fé e revelação.

A Positivção da Lei e a Nova Aliança

Posteriormente, em Deuteronômio, vemos a Lei sendo "positivada" — ou seja, escrita e formalizada para a nação de Israel (Dt. 6:1; Dt. 30:16). No entanto, o propósito divino sempre foi que essa lei transcendesse o papel e habitasse o interior do homem.

O profeta Jeremias aponta para o retorno desse estado original de comunhão na Nova Aliança:

"Porque esta é a aliança que firmarei com a casa de Israel, depois daqueles dias, diz o Senhor: Na mente, lhes imprimirei as minhas leis, também no coração lhes inscreverei; eu serei o seu Deus, e eles serão o meu povo." (Jeremias 31:33)

Isso demonstra que não existem "duas graças" ou "dois evangelhos". A graça no Antigo Testamento operava da mesma forma: a lei no coração gerando obediência pela fé.

Fé Prospectiva vs. Fé Retrospectiva

A mecânica da salvação é a mesma em ambas as alianças, o que muda é a perspectiva temporal em relação à cruz:

1. **Antigo Testamento (Fé Prospectiva):** Eles olhavam para o futuro, crendo na promessa do Messias que viria (o cumprimento de Gênesis 3:15). A fé deles repousava na obra que seria realizada.
2. **Novo Testamento (Fé Retrospectiva):** Nós olhamos para o passado, crendo na obra que o Messias já realizou.

O autor aos Hebreus confirma essa unidade soteriológica ao afirmar que o Evangelho (as Boas Novas) foi pregado tanto a eles quanto a nós:

"Porque também a nós foram anunciadas as boas-novas, como se deu com eles; mas a palavra que ouviram não lhes aproveitou, visto não ter sido acompanhada pela fé naqueles que a ouviram." (Hebreus 4:2)

Portanto, a salvação nunca foi por mérito ou cumprimento legalista. Assim como no Direito Penal a lei pode retroagir para beneficiar o réu, teologicamente, o sacrifício de Cristo e a justificação retroagem para alcançar todos aqueles que, no passado, depositaram sua fé na promessa de Deus. A fé precede o conhecimento teológico complexo; é a resposta simples da alma à revelação de Deus.

O Papel da Lei Mosaica e a Tipologia dos Sacrifícios

Se a salvação sempre foi pela graça mediante a fé, qual era, então, a função de todo o aparato legal e sacrificial descrito no livro de Levítico? Para compreender a soteriologia do Antigo Testamento, é essencial entender que a Lei não foi dada como um meio de salvação, mas como um diagnóstico da condição humana e um guia profético.

A Lei como "Paidagogos": O Espelho do Pecado

O apóstolo Paulo oferece uma definição precisa sobre a função da Lei na Carta aos Gálatas, utilizando o termo grego *paidagogos* (traduzido como "aio" em algumas versões). Na cultura antiga, o pedagogo não era o professor que ensinava o conteúdo, mas o condutor que levava a criança até a escola.

"De maneira que a lei nos serviu de aio, para nos conduzir a Cristo, para que pela fé fôssemos justificados." (Gálatas 3:24)

A Lei funciona como um espelho. Quando Deus entregou os mandamentos, Ele estava revelando a santidade divina e, por contraste, a corrupção humana. Ao dizer "não matarás" ou "não adulterarás", a Lei expunha a natureza homicida e adúltera do coração humano. Ela apontava o problema ("tu és pecador"), mas não oferecia a solução definitiva ("eu não posso te salvar"). O fim da Lei, portanto, é Cristo, não no sentido de término, mas de finalidade e cumprimento (*pleroma*).

Tipologia: Do Sombra à Realidade

O sistema sacrificial do Antigo Testamento deve ser lido através da lente da **tipologia**. Neste estudo, temos o "tipo" (a figura profética no Antigo Testamento) e o "antítipo" (o cumprimento real no Novo Testamento).

É impossível compreender plenamente a Epístola aos Hebreus sem o conhecimento de Levítico. Os sacrifícios de cordeiros, as ofertas de holocausto e o sistema sacerdotal eram sombras que apontavam para uma realidade superior. Quando João Batista avista Jesus, ele faz a conexão teológica perfeita entre as duas alianças:

"Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo." (João 1:29)

A distinção aqui é crucial. Os sacrifícios da Antiga Aliança cobriam (*kappar*) o pecado temporariamente, apaziguando a ira divina, mas eram insuficientes para resolver o problema da natureza pecaminosa. Eles eram repetitivos porque eram imperfeitos. A eficácia da salvação não estava no sangue do animal em si, mas na fé do ofertante no Deus que provê o perdão.

A superioridade do sacrifício de Cristo reside no fato de que Ele não apenas cobre, mas **tira** o pecado. O autor de Hebreus é enfático sobre a limitação do sistema antigo:

"Porque é impossível que o sangue de touros e de bodes remova pecados." (Hebreus 10:4)

Jesus, como o antítipo perfeito, é o Cordeiro que satisfaz plenamente a justiça divina, tornando obsoleto o sistema de repetição de sacrifícios.

A Revelação Progressiva (Epigenética)

A compreensão da salvação no Antigo Testamento também depende do conceito de **revelação progressiva**. Deus não revelou todo o Seu plano de uma só vez no Jardim do Éden. A revelação foi dada como uma "gênese", desenvolvendo-se gradativamente.

- **Gênesis 3:15:** A promessa da semente da mulher (o Protoevangelho).
- **Gênesis 12:** A promessa a Abraão de que nele seriam benditas todas as famílias.
- **Êxodo 12:** A redenção pelo sangue do cordeiro pascal.
- **Profetas:** A promessa do Messias sofredor (Isaías 53).

A revelação dada a cada geração era **suficiente** para a salvação daquele povo naquele tempo específico. Eles eram responsáveis pela luz que recebiam. Assim como a luz da aurora vai crescendo

até ser dia perfeito, o entendimento sobre o Messias foi se expandindo até a encarnação do Verbo. A fé salvífica, portanto, baseava-se na confiança em Deus e na revelação que Ele havia disponibilizado até aquele momento histórico.

A Perseverança na Fé e a Possibilidade da Apostasia

Um dos debates mais intensos e históricos da teologia cristã gira em torno da segurança da salvação: uma vez salvo, o indivíduo está salvo para sempre, ou existe a possibilidade de perder a salvação? Ao analisarmos as Escrituras sob uma perspectiva que equilibra a soberania divina e a responsabilidade humana, encontramos textos que sugerem a necessidade de vigilância constante e a realidade do perigo da apostasia.

A Tensão entre Graça e Responsabilidade

Embora a justificação seja um ato exclusivo da graça de Deus — onde o mérito humano é nulo —, o processo de santificação e a manutenção da fé envolvem uma resposta contínua do indivíduo. A teologia clássica, muitas vezes alinhada ao pensamento arminiano-wesleyano, defende que a graça de Deus é **preveniente**. Isso significa que o Espírito Santo atua no ser humano não para forçar uma salvação irresistível, mas para despertar a vontade e conceder a liberdade necessária para que o homem responda ao chamado de Deus.

Nesse contexto, a predestinação bíblica é frequentemente entendida de forma **corporativa**: a Igreja (o corpo de Cristo) está predestinada à glória. Para participar desse destino glorioso, o indivíduo deve, pela fé, entrar e permanecer neste corpo.

O Perigo de "Decair da Graça"

As Escrituras apresentam advertências severas que perderiam o sentido se a apostasia fosse impossível. O autor de Hebreus alerta sobre aqueles que já foram iluminados e provaram do dom celestial, mas que recaíram:

"É impossível, pois, que aqueles que uma vez foram iluminados, e provaram o dom celestial, e se tornaram participantes do Espírito Santo... e caíram, sim, é impossível outra vez renová-los para arrependimento." (Hebreus 6:4-6)

O Apóstolo Paulo também utiliza metáforas náuticas para descrever a tragédia espiritual, mencionando aqueles que "nafragaram na fé" (1 Timóteo 1:19). A ideia de um naufrágio pressupõe que o navio estava, anteriormente, navegando em rota correta. Da mesma forma, Paulo alerta líderes em Tito sobre aqueles que negam o Senhor que os resgatou.

Portanto, a "perda" da salvação não ocorre por um acidente ou pecado isolado, mas por uma decisão consciente de rejeição contínua da graça, um processo de endurecimento onde o crente opta por abandonar o caminho da vida.

O Caso de Judas Iscariotes e a Presciência Divina

O exemplo de Judas Iscariotes é frequentemente o ponto central dessa discussão. Teria Judas sido predestinado ao inferno, sem chance de escolha? A análise bíblica sugere que não.

Judas foi escolhido por Jesus, participou do ministério apostólico e recebeu autoridade para expulsar demônios e curar enfermos (Mateus 10). É teologicamente incoerente supor que ele realizava milagres pelo poder de Deus enquanto era, simultaneamente, um "filho do diabo" desde o início. Judas teve a oportunidade real de salvação.

Sua queda é explicada pela **presciência** (pré-conhecimento) de Deus, não pelo determinismo fatalista. Como Pedro explica:

"Eleitos segundo a presciência de Deus Pai, em santificação do Espírito, para a obediência e aspersão do sangue de Jesus Cristo." (1 Pedro 1:2)

Deus, habitando na eternidade, já sabia ("conheceu de antemão") qual seria a escolha final de Judas. O fato de Deus saber o fim não significa que Ele manipulou o meio para que Judas se perdesse. A responsabilidade moral da traição recaiu inteiramente sobre Judas, que rejeitou a luz que lhe foi dada.

A Necessidade de Perseverança

Essa compreensão não deve gerar medo, mas reverência e dependência. A vida cristã é uma batalha diária onde, embora não possamos vencer com nossas próprias forças (o que seria pelagianismo), somos chamados a cooperar com a graça que nos sustenta.

Existe uma frase de sabedoria prática que resume bem essa tensão: *"Na teoria, podemos discutir calvinismo e arminianismo, mas na prática, todo cristão vive como um arminiano"*, no sentido de que todos lutam diariamente contra a carne, buscam a santidade e oram como se a vigilância fosse vital — porque, de fato, ela é. Para aqueles que se desviaram, a resposta da igreja não deve ser o fatalismo, mas a intercessão contínua, pois enquanto há vida, a graça de Deus continua buscando o pecador.

Exegese e Providência: Uma Análise do Salmo 23

Um dos textos mais conhecidos e recitados da Bíblia é o Salmo 23, especificamente o primeiro verso: *"O Senhor é o meu pastor, nada me faltará"*. No entanto, esta tradução popular pode gerar conflitos interpretativos quando confrontada com a realidade da vida cotidiana, onde cristãos fiéis enfrentam escassez financeira, problemas de saúde e luto. Afinal, se o Senhor é o pastor, por que ainda sentimos falta de tantas coisas?

Uma análise exegética do texto original hebraico lança luz sobre o verdadeiro significado da providência divina.

A Profundidade do "Lo Echsar"

No hebraico, a frase é construída da seguinte forma: **"Adonai Ro'i lo echsar"**.

- **Adonai (ou Yahweh):** O nome do Senhor.
- **Ro'i:** Pastor (com o sufixo "i" indicando posse pessoal: *meu pastor*).
- **Lo:** Não.
- **Echsar:** Terei falta (verbo que indica carência).

A tradução mais precisa do sentido original aproxima-se de *"O Senhor é meu pastor, não terei falta"*. A questão crucial é: falta de quê?

A interpretação materialista moderna tende a ler este versículo como uma promessa de abundância financeira e ausência de problemas. Contudo, o Rei Davi, autor do Salmo, não possuía uma mentalidade materialista. A "falta" que é suprimida pela presença do Pastor é, primariamente, a falta do próprio Deus. A lógica da fé bíblica é: se eu tenho o Pastor, a existência Dele garante a provisão de tudo o que é **realmente** necessário.

Deus não trabalha necessariamente com o que "queremos", mas com o que "precisamos". A

providência divina transcende o material e foca no essencial para a jornada da alma. Como diz o antigo hino cristão: "*Quem tem Jesus tem tudo*". A presença do Pastor transforma o vale da sombra da morte em um lugar onde não se teme o mal, provando que a maior provisão não é a ausência de perigos, mas a presença divina em meio a eles.

A Eternidade no Coração e o Retorno ao Éden

Esta discussão sobre provisão e vida nos leva ao propósito final da salvação: a eternidade. O livro de Eclesiastes afirma que Deus "*colocou a eternidade no coração do homem*" (Eclesiastes 3:11). Desde o Gênesis, a humanidade busca reatar o elo perdido com a vida eterna.

Uma análise tipológica do Jardim do Éden revela a magnitude da misericórdia divina na história da salvação. No centro do Jardim, haviam duas árvores principais:

1. A Árvore da Vida.
2. A Árvore do Conhecimento do Bem e do Mal.

Deus proibiu apenas o consumo do fruto da segunda árvore. Se Adão tivesse comido da Árvore da Vida primeiro, ele teria vivido eternamente em comunhão com Deus. Contudo, ao pecar e comer da árvore proibida, o homem caiu.

A expulsão do Éden, muitas vezes vista apenas como punição, foi um ato de **graça severa**. Deus colocou querubins para guardar o caminho da Árvore da Vida (Gênesis 3:24) para impedir que o homem, agora em estado de pecado e corrupção total, comesse dela e vivesse eternamente como um ser decaído — uma condição irremediável semelhante à dos demônios.

A morte física, portanto, tornou-se a porta de saída de um corpo corruptível para a redenção. Jesus Cristo apresenta-se no Novo Testamento como o acesso restaurado à Árvore da Vida. Ele convida:

"Se alguém tem sede, venha a mim e beba. Quem crer em mim, como diz a Escritura, do seu interior fluirão rios de água viva." (João 7:37-38)

A salvação, iniciada no Gênesis e consumada no Apocalipse, é o convite para retornar à comunhão plena, onde o Senhor é o Pastor eterno e, finalmente, nada nos faltará, pois estaremos saciados pela Sua presença para sempre.

Igreja Batista Filadélfia em Águas Claras. Pr. Neto Andrade. **PROSEANDO COM BÍBLIA E CAFÉ - 1º DIA** | #ibfac. <https://www.youtube.com/watch?v=Bx1sRmMfy-8>